5.º ANO — LISBOA—SABADO, 6 DE FEVEREIRO DE 1926 — N.º 1483

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 37, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 196 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

O CASO DO BANCO ANGOLA E METROPOLE

O juiz Alves Ferreira disse ao "Diario de Lisboa„:

"Se isto durasse mais seis meses a Patria estaria em perigo„

O sr. dr. Alves Ferreira, juiz encarregado das investigações superiores do caso do Banco Angola e Metropole, falou hoje um pouco mais largamente com um redactor do *Diario de Lisboa*.

O ilustre magistrado, que se reveste de uma nobre correcção, e cujas palavras nunca comportam, nunca em circunstancia alguma, uma expressão dura ou violenta para os incriminados—não nos fez declarações francamente decisivas nem sensacionais.

Confirmou, repetiu e disse alguma coisa de novo.

Fazemos um resumo das palavras do respeitavel e honestissimo juiz—que só por sacrificio, contrariadamente, depois de muito instado, acedeu a tomar aquele encargo, «a ser preso», na sua expressão familiar.

Uma nota pessoal do jornalista: durante a conversa com o sr. dr. Alves Ferreira surpreendemos nele, a par de uma inteligencia vivissima e de uma sensatez exemplar—um grande e bondoso coração.

A incomunicabilidade

Principiamos por qualquer ponto: a incomunicabilidade.

—Para aceitar este encargo, uma fatalidade para mim! tive de requerer todos os poderes. Foram-me dados. Hoje o fio da meada temo-lo todo. A incomunicabilidade é necessaria. Sem ela não era possivel obter nada de positivo. Os casos graves, como este, na vida de um povo excedem os limites das proprias leis. Torna-se necessario o prudente arbitrio, um bom senso reflectido. De resto, não é caso novo em Portugal e lá fora é vulgar. Entre nós deu-se ha pouco a incomunicabilidade para os presos da Legião Vermelha.

Justificando:

—A suprema lei é a Nação, o interesse do país, a honra de Portugal, a salvação do Povo. «Salus populi suprema lex». O contrario seria o «proprio absurdo de lei». Seria a lei a proteger criminosos, a lei a evitar que toda a verdade se apure. A lei só contra os pequenos, a lei só a servir para delitos vulgares. Um caso destes excede todas as previsões. De resto...

Pausa.

—...de resto, a incomunicabilidade não tem sido absoluta. Meia incomunicabilidade é o que tem sido.

—Quando é levantada essa incomunicabilidade?

—Quando eu e os meus cooperadores entendermos que esse facto não prejudica as investigações que ainda falta fazer.

Os factos capitais e a justiça

—Procuro a verdade toda. Poderei atingir com rectidão e espirito de justiça esse objectivo? Creio que sim. Os factos capitais estão no conhecimento dos juizes. O nervo da questão está descoberto.

—Então...

—De resto, tem-se tornado mais ou menos publico. Os criminosos principais são por esta ordem: Hennies, por ventura o planeador mór, a base do crime, suiço naturalizado brasileiro, não se sabe por que bulas, com relações na Alemanha e na Holanda, ligado a «complots» internacionais: Alves dos Reis, criatura talentosa e audaciosa; Marang, José Bandeira, Ferreira Junior...

—Hennies?

—Fugiu da Haia logo que soube da prisão de Marang...

—Os contratos...

—Apuradamente, scientificamente, reconhecidos falsos, os dois. Falso o sinete, falso o papel timbrado, falsos os documentos e assinaturas, falsas as cartas. Os contratos que tenho por fotografias, ainda não foram «rigorosamente» identificados, por que nunca perdi as esperanças de obter os contratos autenticos, na posse agora da policia holandesa. Mas o que esta policia habilissima apurou é já suficiente, mais que suficiente. Os reconhecimentos periciais do Posto Antropometrico (Balbino Rego), Instituto de Medicina Legal (Azevedo Neves) e peritos notarios, são conformes com a falsificação, por tal sinal grosseira, e não habil, como a principio se supôs.

—As escalas?

—Foram obtidas pelas notas. Nós proprios já fizemos a experiencia. E' facil. E estão erradas. Além da troca de nomes, não deram, nem podiam dar, com a chave de alguns segredos. As séries do Banco nunca ligam vogais. Um A com um E, por exemplo. Eles ignoravam isso.

—As cartas credenciais...

—Grosseiras. Nem a esfera armilar, nem a nota de particular são praxe no Banco. O pormenor da marca de agua, aliás insignificante, tambem não foi bem simulado. No Porto inutilizaram os cumplices milhares de impressos, que ainda apanhámos inutilizados.

—De modo que...

—Que a falsificação está apuradissima, detalhada e até classificada como grosseira. O que não significa que, para clara, definitiva e juridica organização do processo não tenhamos de fazer ainda grandes e demorados exames. A's notas, por exemplo...

—As notas.

—O sr. dr. Pinto de Magalhães não fez o corpo de delito directo, base do processo. Tem de se fazer severo exame de identificação, senão o processo ficava, basicamente, inutilizado.

Acentua:

—A parte capital, principal, está descoberta. Faltam apenas, e é muito, pormenores materiais, que não dispensamos.

—Quanto tempo levará ainda?

—Faltam muitos exames, os das notas, principalmente. Falta ouvir 200 testemunhas. Talvês daqui a dois meses. Oxalá fôsse já amanhã...

Mais seis meses e estava tudo perdido!

—Como principiou a burla?

—Nas colonias. O plano era dividir, entregar as colonias, Angola principalmente, ao grupo internacional. Isto começou a fazer-se lentamente, habilmente. Só depois teria surgido a ideia das notas emitidas por falsificação. O plano foi gerado por Hennies e executado por Alves dos Reis.

—Depois...

—Marang. Feito o crime, começou a distribuir-se dinheiro, promessas, facilidades a rôdo.

—Mas então ninguem dava por isso?

Aqui o juiz toma uma severa e digna atitude:

—Se isto caminhasse mais seis meses a Patria corria perigo! A vergonha é esta! E isto só era possivel com politicos, por inconsciencia, por «boa fé», por ambição e por falta de patriotismo ligados á manobra. O Banco de Portugal desapareceria na sua função, o Banco Ultramarino deixava de ser emissor nas Colonias. Alargava-se a compra de consciencias e de emprezas. Ia tudo! Ninguem queria saber donde vinha tanto dinheiro. Uns porque não tinham nada com isso, outros porque o Banco era autorisado oficialmente, outros porque lhes não convinha saber mais nada senão que... havia dinheiro.

—Mas não ha homens de bem?

—Ha! Ha! Mas como intervirem se tudo corria o mais legalmente possivel?!

—E ninguem deu por isso?

—Deu. O Banco de Portugal, e logo o governo começou a agir. Eis como se deitou abaixo o castelo de cartas dos criminosos.

E acentuando:

—Tanto oiro! Tanto volume de notas! A ambição do mando! A venalidade politica de dois ou três chegava! O Angola e Metropole estava ligado com politicos e até com pessoas honestas, e tudo ia bem, aparentemente. Aqui é que está o maior crime!

Crime de lesa-patria!

—Que castigo irá ser dado aos criminosos?

—Não é a mim que tem de dirigir a pergunta. Logo que eu tiver o processo organisado entrego-o ao Poder Judicial, e saio da scena.

E com firmesa e manifesta amargura:

—E' um crime de lesa-patria! Mas—veja isto—não encontro no Codigo onde o meter! E' tão grande e tão complexo que não encontro. Isso será com o Tribunal.

—Alguma lei de excepção?

—Leis de excepção não podem ter efeitos retroactivos. Um juri especial talvez esteja indicado. Repito que, sem a presença deste lema «Salus populi suprema lex», a lei corre o risco de proteger responsabilidades criminais directas.

As responsabilidades

Tentámos abordar o ilustre magistrado sôbre responsabilidades directas ou indirectas de varias pessoas. Por justos melindres, o sr. dr. Alves Ferreira não quere dizer nada. Apurámos o que segue, e que damos em nossa versão, não atribuindo as palavras ao sr. dr. Alves Ferreira, mas apenas o seu espirito. Se houver erro... é nosso.

—Muitas pessoas tiveram e outras haveriam de ter ligações com os burlões por boa fé. Mas a boa fé de todos esses não está apurada, nem, em consciencia, se pode apurar má fé ou boa fé. Ha factos, sintomas—eis tudo. O sr. dr. Nuno Simões alega boa fé e desconhecimento da burla e propositos de certas pessoas. O «mas» indicado não é comnosco, nem o desenvolve o sr. dr. Alves Ferreira. O sr. dr. Carlos Pereira, mais materialão, meteu-se directamente na comedia. Recebeu 100 contos, dos quais diz só ter ficado com 25 e dado o resto a outros. O ex-ministro de Venezuela recebeu entre 800 e 1.000 contos. O sr. Pinto de Lima, que «teria sido quem forneceu a lista dos quesitos sobre o Banco de Portugal ao ministro sr. dr. Torres Garcia», estará bem preso. Devia estar à par de tudo. Ferreira Junior é um falsificador. O sr. dr. Antonio Bandeira foi vitima do irmão, e levou longe de mais a sua amisade e intervenção. Muitos, que por ventura se queriam governar, e fazer os seus negocios licitamente com um Banco autorisado legalmente, passarão pela malha. Cumplices directos dos burlões, ha os que estão presos e bem presos.

—Em resumo...

—Se não ha motivo para punir todos, e isso não é comigo, tenho de sobra motivos para os pronunciar.

Os burlões—Alves dos Reis—Waterlow

—Alves dos Reis confessou alguma cousa?

—Não interroguei preso algum. Os meus auxiliares é que o tem feito. Eu apenas dirijo, sou o coordenador. Não creio que Alves dos Reis se puzesse na decisão de não falar, por ser eu o Juiz Investigador. Não. Não é por isso. Alves dos Reis desde que soube da prisão do sr. Nuno Simões decidiu-se a não dizer nada, talvez porque receasse vêr mais gente presa. Mas se expontaneamente não desenrola todo o fio da meada, deante das provas confessa. Diz que sim. Já o fez duas vezes. E' talentoso e audacioso, mas não faz milagres... Ferreira Junior é esperto. Marang um autentico burlão. A este respeito a policia holandesa e o sr. dr. Crispiniano da Fonseca, com quem tenho estado sempre em ligação, foram habilissimos.

—E as facilidades para a acção junto de Waterlow?

—Mas se os documentos estavam todos, aparentemente, em forma?

—Os presos do Porto?

—Têm ligação directa com os burlões. O Pinto da Cunha, que estava em Paris, teve liberdade condicional para se vir apresentar em Lisboa. O processo de extradição seria muito demorado. Devo dizer que o nosso Ministerio dos Estrangeiros tem trabalhado e auxiliado notavelmente os trabalhos.

—E a intercepção da correspondencia?

—Uma carta. Vi a copia. Não tem importancia. Acusava a recepção doutra carta. Importancia tem-na o simples facto da intercepção. Onde e por quem? Os telegramas trocados entre Marang, Bandeira e Reis dizem, num deles, «estarem todas as providencias tomadas para as cartas não chegarem ao seu destino». Como vê, ainda ha muito a fazer.

—A casa Waterlow?

—E' séria. Romer, quanto a mim, não tem nada, nada com a burla. Waterlow procedeu com leviandade, talvês excessiva boa-fé. O reconhecimento falsificado das assinaturas dos contractos (só a assinatura de Reis foi reconhecida, como se sabe) foi suficiente. Havia as cartas credenciais de assinatura falsificada. A maquina estava bem montada. Os crimes internacionais, de tenebroso alcance onde este

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

A musica

Salão do Conservatorio

O segundo concerto, nesta epoca, da Sociedade de Musica de Camara, que já conta sete anos de existencia, distinguiu-se pela organização do programa, cheio de novidades, e pelo valor dos interpretes.

Isabel Manso, um dos mais prometedores talentos da nova geração, discipula de D. Adelia Heinz, abriu o concerto com a «Chacomie», de Bach-Busoni, mais uma vez afirmando preciosas qualidades de tecnica e de interpretação.

A sr.ª D. Ema Santos Fonseca, em todas as suas infelizmente ráras aparições em concertos publicos, deixa saudades no auditorio e na critica. As pessoas cançadas de ouvir sempre as mesmas obras e os mesmos estilos, respiram quando vêm o nome desta ilustre senhora, um dos espiritos mais cultos que Lisboa conta na sua sociedade, porque já sabem que esse nome traz consigo alguma novidade interessante. Foi o que sucedeu na noite de terça-feira. Além de uma aria em estilo antigo, do compositor romeno Alessandresco, regente da Opera de Bucarest e autor do poema sinfonico «Action», ouvimos uma «Berceuse» e uma «Canção de amor», do compositor japonês Matruyama, o «Horhzeitslied», de Ainold Schöuberg e uma melodia de Doorak, tudo primeiras audições em Portugal.

Interessaram-nos especialmente as melodias de Matsuyama, que apesar de japonês, ou por isso mesmo, mostra conhecer perfeitamente a tecnica da moderna escrita europeia, e o «lied», de Schöuberg, que, embora pertencente á primeira maneira do seu autor, foi uma revelação importante numa cidade onde o chefe da nova escola vienense é quasi desconhecido. A interpretação, tanto da parte de D. Ema Santos Fonseca, como da que estava confiada á sua talentosa colaboradora D. Julia Oceana, foi perfeita de emoção e fina sensibilidade.

Madame Leo Bach alcançou nas três obras de harpa inscritas do programa, e em mais dois numeros em «bis», o costumado e caloroso exito, fechando o concerto o notabilissimo violoncelista professor João Passos, que nos deu uma soberba interpretação da sonata em sol maior do classico Gio Batt.

Sammartini, precursor de Hayda é o verdadeiro criador da musica moderna sinfonica e de camara.

A festa de Blanch

Tarde de grande arte, de entusiasmo, a de amanhã no S. Luiz, com um grandioso Festival Russo, em festa artistica do maestro Pedro Blanch, o ilustre director da Orquestra Sinfonica Portuguesa, que conta como um dos seus maiores exitos a execução e bela interpretação da musica russa. Pelo colossal programa que a seguir publicamos é este o mais notavel e mais grandioso Festival Russo que se tem executado.

Primeira parte—I «Sinfonia Patetica», Tschaikowsky, a) Adagio—Allegro non troppo—Andante—Allegro vivo; b) Allegro con grazia; c) Allegro molto vivase; d) Adagio lamentoso.

Segunda parte—II «Scheherazade», «suite» sinfonica inspirada nas «Mil e uma noites», Rimsky-Korsakoff, a) Largo e maestoso—Allegro non troppo; b) Lento—Andantino; c) Andantino quasi allegretto; d) Allegro molto; e) Allegro non troppo e maestoso. Violino, solo, professor sr. Flaviano Rodrigues.

Terceira parte—III «Nas Steppas da Asia Central», Borodin; IV «A Grande Pascoa Russa», cuverture sobre temas da Igreja Russa (1.ª audição), Rimsky-Korsakoff.

O concerto Fão

E' verdadeiramente sensacional o grandioso «Festival Russo» que amanhã se realisa no Gimnasio, pelas 15 horas. Entre outras composições serão executadas, pela Orquestra Sinfonica, dirigida pelo ilustre maestro Fernandes Fão, a «Grande Pascoa Russa», de Rimsky, com o flauta solista sr. Manuel Duarte, e cuja audição é a 1.ª em Portugal, pela Orquestra Portuguesa. Será, tambem, executada a «suite» sinfonica, «Scherazade», do mesmo autor, com as partes descritivas «O mar e o navio de Sindbad», «Conto do principe e princesa», «Uma festa em Bagdad», «O mar e o navio despedaçado contra um rochedo, que aparenta ser um guerreiro de aço», solo de violino pelo eximio professor Luiz Barbosa. Pela primeira vez em Portugal tocar-se-ha a «Rapsodia Oriental», de Glazonow, e, a pedido, a «Abertura Solene», de Tschaikowski, que conquistou já os mais vibrantes e entusiasticos aplausos.

Como se vê, é um programa verdadeiramente sem rival o do concerto de amanhã, no Gimnasio.

CARNAVAL

TIVOLI'S DANCING

INAUGURA-SE esta noite definitivamente a nova casa de diversões instalada no antigo Salão Teatro Novo, que uma nova empreza acaba de transformar no melhor «dancing» da capital, decorada com fino gosto pelo distinto scenografo sr. Baltazar Rodrigues, que neste novo trabalho teve mais uma vez ocasião de demonstrar os seus verdadeiros dotes artisticos.

Durante as noites os bailes serão abrilhantados por uma esplendida orquestra «jazz-band» sob a direcção do conhecido artista sr. Roman Navarro, que executará um variado programa de todas as dansas modernas. Os bailes prolongar-se-hão na noite de ámanhã e nos quatro dias de Carnaval, havendo tambem «matinées» no domingo, segunda e terça-feira gorda, nas quais serão distribuidos lindos premios ás crianças melhor mascaradas.

De hoje em diante vão ter os frequentadores destas diversões mais um centro de elegancia e de bom gosto, onde igualmente apreciarão um belo serviço de bufete, a cargo de uma das principais casas de Lisboa.

A NOSSA AGRICULTURA

Os progressos da ensilagem no estrangeiro e em Portugal

Conservar as forragens, é habito e pratica muito antiga. Nós mesmo no inicio destes artigos indicámos um processo, a *fenação*. Tal processo, porém, só abrangia reduzidos massos de forragens.

A ensilagem, no sentido moderno da palavra, é processo empregado de ha cincoenta anos a esta parte. Os seus resultados praticos estão, porém, patentemente, demonstrados e daí a generalisação do processo que vai ganhando terreno por toda a parte.

Seria fastidioso enumenar aqui todas as experiencias levadas a cabo com um caracter scientifico, para aquilatar do valor dos alimentos ensilados e sua influencia na engorda dos gados, bem como da sua economia.

Assim, por exemplo, nos Apolaches (Virginia Ocidental) provou-se que a adição da silagem do milho á ração de inverno deu um aumento de valor de 6 a 30 francos por cabeça.

Na Columbia (Estados Unidos) fizeram-se experiencias que déram em quatro meses e meio o aumento de peso por cabeça, de 130 a 160 quilos ao mesmo tempo que o beneficio economico por cabeça ía de 75 a 165 francos, beneficios que coincidem favoravelmente com o maior emprego da silagem.

Na Inglaterra, as experiencias de Robertron, Pitcher, Roberts, White, Oldershaw e Smith são ainda mais concludentes, podendo o leitor que se interessar por este assunto consultar, com proveito, a tese do ilustre agronomo, sr. Artur de Castilho, apresentada no 2.º congresso das Federações dos Sindicatos Agricolas, donde extraímos a maior parte das informações referentes a este importante assunto.

E', sobretudo, na America de Norte que o silo adquiriu a maior vulgarisação, sendo construção indispensavel de toda a exploração.

E entre nós? A Escola Agricola de Queluz em 1923 fez um pequeno inquerito com o objectivo de inventariar os silos existentes no país e saber dos resultados do seu uso. E assim verificou que o Estado tem nos seus estabelecimentos 20 silos com 776 metros cubicos de capacidade, e os particulares, 24 silos, com a capacidade de 1770 metros cubicos.

Mas não figuram aqui todos os silos existentes, e dalguns dos existentes não se menciona a capacidade. A estatistica é, pois, incompleta por carencia de informações exactas, nanja por descuido de quem a elaborou.

Os silos pertencentes ao Estdao, são quasi todos metalicos. De fórma cilindrica, transportaveis, montando-se e desmontando-se com relativa facilidade, eles servem admiravelmente ao seu fim de propaganda. Têm dado bom resultado, até mesmo nas regiões mais quentes do sul, conservando admiravelmente as forragens.

Pelo contrario, os silos de particulares são quasi todos construidos em cimento armado ou em alvenaria. Os resultados obtidos pelos seus proprietarios são absolutamente satisfatorios.

Convem, pois, para valorisação agricola, divulgar, difundir o mais possivel a pratica da ensilagem, quer pela imprensa, quer pelo folheto, quer pela conferencia. E convem, sobretudo, e antes de tudo, que o Estado em todos os seus estabelecimentos onde tenha gados, pratique a ensilagem, sem o que lhe falha a autoridade para dirigir e impulsionar toda a propaganda.

No que respeita a facilidades e estimulos, a acção do Estado, na opinião do sr. Artur Castilho, poderia exercer-se por três formas: — isenção de direitos para os silos e material de corte e elevação adquiridos por associações agricolas para cedencia aos socios; — emprestimos, com as necessarias garantias, aos agricultores que o necessitem, do capital bastante para a construção dos silos; — diminuição da contribuição predial rustica, a qual, para os agricultores que se utilisarem do crédito, poderia ser em equivalencia aos juros a pagar.

C. R.

Uma exposição de retratos, aguarelas e molduras

E' verdadeiramente notavel a exposição permanente de retratos, aguarelas inglesas e molduras nacionais e estrangeiras da *Photographia Inglesa*, de J. & M. Lazarus, aberta ao publico na Rua Ivens, 59.

CINEMA CONDES

HOJE—Soirée da moda

Reunião elegante

Estreia da

Revista Mundial 298

c/modas. actualidades e sport

Grandes sucessos de

AMOR DE ARABE 5 actos

por John Gilbert

UMA DAMA DE CATEGORIA

7 actos

por Virginia Valli

Camilo Camelo

2 partes

por Al. St. John

Os revolucionarios

teriam triunfado se estivessem munidos de um retrato DA FOTOGRAFIA AMERICA

R. do Registo Civil, 6 (ao Intendente)

TELEF. 3029 N.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, uso mia, etc. sistema estrangeiro

Calçada da Estrela. 13. 1.º Esquerdo

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,15—«Mademciselle Demonio».
S. Luiz=A's 9,15=«A Meca de Campanilhas».
Triadade=A's 21=«Las Maravilhosas».
Politeama=A's 21,15=«Não te melindres, Beatriz».
Eden-Teatro=A's 20.30 e 22,45=«As Onze Mil Virgens».
Ginasio=As' 9,15=«A Tia Andreza».
Apolo=A's 9,15—«O Saltimbanco».
Avenida=A's 21,15=«Pão de Ló».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Foot-ball».
Salão Foz=A's 15 e 21=«Pem-Pom».
Coliseu dos Recreios=A's 21=Companhia de circo.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Joaquim de Almeida=A's 20,30=Cinema e variedades.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso=Domingos e feriados, «matinées».
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Terças, Quintas e Sabados.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Salão-Rooio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise=Campolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.
Eden-Cinema—Rua do Alvito—Alcantara.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Tereza Moser de Gezerra, D. Matilde Aguiar de Andrade Santos Silva, D. Ema de Mendonça de Sommer de Saldanha Bandeira, D. Maria da Camara Viterbo, D. Judite Benjamim Pinto, D. Maria Amelia de Abreu Saraiva, D. Aniceta Rollin Botelho da Cunha Rebelo, D. Margarida Laranja Gomes Palma Leal e D. Julia Isabel Alarcão Pinto de Almeida.

E os senhores:

D. Rui de Lourdes da Cunha Menezes, D. Ricardo Vilardebó, Angelo de Sarrea Prado e Fernando Rollin de Seabra Pereira.

E depois de amanhã as senhoras:

D. Maria Tereza Cabral Metelo Parreira de La Cerda, D. Mariana de Freitas Pinto Homem, D. Joana Tavora Folque de Azevedo Souto, D. Carolina Fernandes de Figueiredo, D. Maria de Lourdes Carvalho de Noronha, D. Julia Maria de Brito, D. Emilia Segurado Achemann e a menina Dulce de Mendonça Furtado de Menezes e Pinto.

E os senhores:

Marquês de Sousa e Holstein, dr. Francisco Vieira Machado, Luis Maria Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão), Armando Fernandes Coelho, Artur Placido e José Lisboa.

A caridade

Nas Belas Artes

E' amanhã que se realiza no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, o grande festival de caridade levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia e da qual fazem parte as segnintes: D. Amelia Cardoso Pinto, D. Angela Carvajal Teles da Sylva (Tarouca), D. Berta Ortigão Ramos, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, condessa de Arge, D. Emilia de Melo Osorio (Proença-a-Velha), D. Eduarda Nunes de Carvalho, D. Erne Schmidt Rau, D. Halia da Silva Correia Leite, D. Laura Tenreiro Ilharco da Silveira Viana, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria José Borges de Medeiros do Espirito Santo Silva e D. Regina Lafayete Carvalho e Silva, e o qual constará de «matinée» infantil «costumée» e de «chá dançante», sendo abrilhantados por duas eximias orquestras «jazz-band», e revertendo o produto a favor de varias casas de caridade de Lisboa.

A «matinée» infantil começará ás três horas da tarde, havendo «buffete» para as crianças.

A comissão organisadora venderá, ao preço cá de fóra, todos os artigos de Carnaval, revertendo tambem o produto dessa venda para o mesmo fim caritativo. Os bilhetes de entrada não se venderão á porta: devem ser requisitados para casa das sr.as D. Eduarda Nunes de Carvalho, telefone norte 1193 ou D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, telefone Trindade 76.

Na Liga Naval

Começaram ontem a ser distribuidos os convites para o grandioso baile de subscrição que, na noite de sabado gordo, se efectua nas magnificas salas da Liga Naval Portuguesa, ao Calhariz, a favor de varias obras de caridade, e cuja organisação está a cargo de uma comissão de senhoras e rapazes da nossa primeira sociedade, a que dentro de alguns dias nos referiremos.

No Avenida Palace

Revertará a favor da «Sôpa dos Pobres» da freguesia de S. Mamede e de varias familias necessitadas, a «matinée» infantil «costumée» e «chá dançante» que, na tarde de segunda feira gorda, se realisa nas belas salas do Avenida Palace, levados a efeito por uma comissão de senhoras da nossa sociedade «smart».

Concertos elegantes

No São Luis

Realiza amanhã, no São Luis, a sua festa artistica, o brilhante maestro Pedro Blanch, o qual organisou para a sua serenata de honor, um programa verdadeiramente sensacional, composto sómente de musica russa, á qual a sua orquestra sinfonica sob a sua habil regencia imprimirá extraordinario relevo. O concerto de amanhã é o 11.º de assinatura, sendo portanto de prevêr uma tarde de arte e elegancia.

No Ginasio

Para o 9.º concerto da grande orquestra sob a regencia do distinto maestro português Fernandes Fão, organizou este um sensacional programa dedicado sómente aos compositores russos. Com tal programa é de esperar que a tarde de amanhã no Ginasio seja elegantemente concorrida.

Em viagem

De Vila do Conde, regressou á sua casa em Lisboa, com sua gentil irmã, D. Maria Tereza, o sr. José Luis de Almeida Brandão de Carvalho.

—Vindo da sua casa de Vila do Conde, encontra-se no Porto, o nosso presado amigo e colega de redacção sr. dr. Jorge Brandão Figueiredo de Faria.

—Regressou do Funchal, o sr. Carlos Belo.

Doentes

Retirou completamente restabelecida da Casa de Saude de Bemfica, onde foi operada pelo ilustre professor sr. dr. Custodio Cabeça, a sr.ª D. Julia Lopes Monteiro.

E' a Fotografia Brasil

quem melhor executa os novos tipos de retrato «Carvão» e «Agua-Forte».

R. Escola Politecnica, 141

TEATRO SÃO LUIZ

CONCERTOS BLANCH

Domingo, 7—A's 3 horas da tarde

11.º concerto de assinatura

FESTA ARTISTICA DO MAESTRO

PEDRO BLANCH

FESTIVAL RUSSO

pela

Orquestra Sinfonica Portuguesa

Programa extraordinario: «Symphonia Pathetica» de Tschaikowsky.—«Scheherazade», de Rimsky Korsokoff.—«Nas Steppas da Asia Central», de Borodin.—«A Grande Paschoa Russa», cuverture sobre Themas da Egreja Russa, (Primeira audição) Rimsky Korsokoff.—BILHETES A' VENDA.

PAGINA SEMANAL

Teatro e Belas Artes

por Artur Portela

A crise do Teatro Nacional
E
os artistas que não envelhecem

Sistematicamente, tenho arredado desta pagina—opiniões de critica e comentarios de ocasião. Por vezes, oiço o tumulto que vai lá fora, o caso da semana que surge, desapiedadamente combatido. Calo-me e sigo—convencido de que a tormenta ha-de passar e que não vale a pena ser energico—energicamente inutil—porque a grande obra, a obra definitiva está sendo elaborada com o espirito e as ideias de todos nós. Do teatro Nacional—fiz silencio. Antes de mo pedirem, já tinha pensado nele. Para que elucidar o publico duma coisa que ele tinha repelido por instincto? Li ha dois dias, no «Diario de Noticias», um requerimento que José Sarmento, na qualidade de comissario adjunto do teatro Nacional, enviou ao ministro da Instrução. E' um documento que marca uma atitude—atitude que é compreensivel pela sinceridade que traduz, mas tambem inutil. Inutil, sem desdoiro. Nem José Sarmento, nem eu, nem qualquer critico fomos consultados sobre o arranjo do Nacional. A nossa responsabilidade é coisa nenhuma. Não colaborámos no desastre. Os seus autores são as primeiras vitimas. As razões do facto? Muitas, poucas, todas. Ha o tinha de ser. O era fatal. Se quizerem, mesmo—o inevitavel preciso.

Enquanto escrevo—chove. Da minha janela humilde—vejo a rua. Uma rua rara, singular e triste, onde o mundo não aflora e só passa gente que trabalha, que vem e vai entre dois destinos, que chega sempre a tempo, mesmo quando é tarde, para sofrer, para viver, para morrer. Evoco o seu esfôrço. A jorna que é o pão. A noite que é o frio. Cada homem é uma familia. Cada mulher são os filhos. Tanto um como outro ficaram condenados pela alegria dum beijo.

Onde vão eles? Tão pouco sol para tão grande sombra—sombra pezada por dois, enorme para os dois, tragica e infinitamente pequena, na grande mancha hospitalar e presidiaria desta cidade, onde a miseria devora a miseria e as lagrimas decantam dos olhos das crianças que nunca souberam sorrir. E sorrir é sonhar!

Entre dois destinos, disse, vai o homem que trabalha. O homem e a ideia. Nada para eles é incerto. Tudo se justifica e tudo se explica. Os erros acumulados á volta de qualquer caso—são necessarios. Sem esses erros, erros cada vez mais fortes, mais vibrantes, mais irritantes, não era possivel transformar, redimir, aperfeiçoar.

O mau é tão necessario como o bom. Inseparaveis mesmo. O que sucedeu, no teatro Nacional—já corroido, já minado, já naufragado, não tem defesa. E tanto assim é que a empresa e os artistas—vergaram. Vergaram, quando tinham interesse de se erguer, de se dignificar—de ganhar. O contrario é inadmissivel e impossivel.

Afinal tudo é teatro. Teatro Nacional e teatro de Eschiló em scena, com o principal elemento da tragedia grega: Fatalidade! Fatalidade! Fatalidade!

* * *

Elencos. Hoje, como ontem—é sempre dificil dizer a um artista, cujas qualidades envelhecem ou enfraquecem, qual o logar que em scena ele deve escolher, para não representar negativos; o papel que deve aceitar, para não o desmanchar; a figura que deve erguer para vencer os seus proprios defeitos.

É facil encontrarmos ingenuas, com data de nascimento no seculo passado; centros detalhando galãs sem galas de juventude; comicos funerarios sem publico, nem riso, temperamentos dramaticos insistindo na comedia, tragicamente, ridiculamente. O artista deve saber evolucionar a tempo e com o tempo dentro do palco.

Os anos são uma escala de valores e um plano de situações. Cada idade tem o seu *metier*. O comediante pode até ao fim da vida representar, deslocando-se sensivelmente desta para aquela figura. Os tipos são certissimos. Exactos. Não ha, pois, para ganhar a vida que insistir em juventudes, em belezas teatrais, em expressões falsas de mocidade, quando, lentamente, os anos vão somando os cabelos brancos e as rugas.

Ha que decidir a tempo e sem vaidades—para que o publico não repare, para que a critica, sempre respeitosa, não agrave justamente. Se a sensibilidade intima do artista não se confundisse com a sua profissão, se ela não fosse, ao mesmo tempo, arte e instinto, defeito e qualidade—poder-se-ia fazer, sem melindre, esse agravo. Mas, como não é assim, quantas e quantas vezes a pena que defendeu, que elogiou, que enalteceu como nenhuma outra, certo nome—vacila, hesita e nega-se a traçar o comentario justo duma ilusão demasiadamente precaria, retardada, antiga, esquecida, passada.

Bem sei que Duse voltou ao teatro violada de todas as dôres, levando apenas da labareda enorme de tragica dantesca e danunziana uma mão de brazas, já palidas e encinzeiradas; sei tambem que Sarah, espectro de beleza, mumia de genio, especada de muletas, desgrenhada, afonica e paralitica—teve ainda, no limiar da morte, imortais palavras, na efervescencia de oiro, dos labios em extasi para atirar ao mundo; conheço tambem as sombras que perpassam, na Comedie-Française, verbalisando de epicos acentos, as mais belas estrofes do repertorio classico.

Ha quem teime em não morrer. E' justo. A mulher tem a sua beleza e o homem a sua inteligencia. A beleza é fraca e tem como adversario o tempo, que não perdôa. A inteligencia é forte e possue no tempo o seu principal valor. Mas se ha que respeitar uma mulher—ha que comentar uma artista. O teatro não tem uma unica porta: a dos dezoito anos. Ha a dos trinta, ha a dos cincoenta; ha ainda outras. Por todas elas se entra e sai bem. Sai-se até melhor, porque todas se experimentaram, todas se conhecem. Só é grande o artista que se variou e se renovou. A' miseria fisica, fatal e irremediavel—o relevo da alma, que em qualquer combinação de figuras, em qualquer acção de caracteres, em qualquer situação dramatica, dizendo muito ou dizendo pouco, ou mesmo não dizendo nada, dá o movimento preciso á obra.

A' obra, isto é, ao teatro. Ao teatro, isto é, á vida. Ao teatro, que é belo porque começa na ilusão e trata a propria realidade tambem de ilusão.

A' vida, que é o fim sereno e tranquilo do designio humano, conforme á verdade e ao tempo. Como servir o teatro, se nós lhe resistimos, não com mascaras, mas com caricaturas, não com virtudes, mas com excessos? Como servir o teatro, insisto, se a figura não é a figura? Se a rubrica foi, propositadamente, alterada para nela caber determinado artista? O erro é evidente e a série dos erros é constante. Este trabalho de subtil constatação plastica, se outro não ha, pertence ao comediante. A' medida que as qualidades fisicas desaparecem, deve ele coordenar as que lhe restam. Não esperar pelos amigos, nem reviver o passado de glorias. Nem mesmo, infantilmente, debruçar-se sobre o espelho que mente a mentira criada, aumentando-a. Olhar o publico, senti-lo, ser anonimo com ele—e ouvir. A «maquillage» não salva. E' como a miragem do deserto.

Reflecte, inversamente, a imagem. O «baton» aviva, mas não encobre. Pelo contrario avoluma, destaca, carrega as ignominias, e as miserias da carne.

A par disto, é preciso tambem que os artistas tenham coragem de se combater a si proprios conhecendo a sua psicologia. Ha um tempo, talvez logo a seguir áquele em que se aprendeu muito e muito se realizou, em que é dificil distinguir o valor da macula, o efeito nobre e expontaneo do cordelinho traiçoeiro do estilo criado, adoptado, explorado. Perde-se a visão rectilinea, dissecadora, raio X, envolvente e perfurante, que vai ao amago dos personagens, desenhar o esqueleto, contornar o sistema nervoso, pontuar o jogo dos musculos. A auto-critica, não sendo uma sciencia para cabotinos, é acessivel aos verdadeiros inspirados e inspiradores da beleza. Podemos-lhe chamar sofreguidão, ansiedade, inconstancia. E' ela a voz mais alta de todas as vozes interiores. Domina os gritos—sendo grito tambem. O seu dialogo é feito de verdade amarga, cruel, mas justa, categorica e imperativa. Se os nossos artistas, aqueles que a gloria erguen, a ouvissem, reconhecidamente, veriam que muitas das suas qualidades são defeitos exacerbados por um longo tempo de scena e por uma ensismesmação gradual. Cristalisaram. O brilhante é puro, tem vida, tem luz, tem beleza—fulmina! Mas as facetas são duras e os raios fatigam—fatigam-nos.

* * *

O direito dos humildes. Falando aqui em humildes, lembro aqueles que, na scena, ao fundo da scena, ou por detrás da scena—são artistas sem nome, figuras sem palavras, vestidos e corpos, massa decorativa, indistinta, cruzada e anonima. Para estes deve ir tambem a nossa atenção. No primeiro plano pode haver arte, brilho, soberania, dominio, deslumbramento—lá ao fundo ha sacrificio, esforço, desejo de vencer. Tudo isto e apenas alguns metros quadrados de palco! Tudo isto e, muitas vezes, nem uma unica qualidade que sirva da ilusão, de apoio, de encorajamento! Mas que importa! O publico deve olhá-los, chamá-los, aplaudi-los. São elementos imprescindiveis do resultado total obtido na scena. Muitas vezes a base dum triunfo, o eixo sobre o qual gira todo o espectaculo, a moldura que dá ao quadro relêvo, donaire, graça—valor. O artista humilde que vive mais para o pão de cada dia do que para o publico de todos os dias—tem sido esquecido. Pesa sobre ele o silencio—o silencio que começa no programa, onde o seu nome não vem e acaba no camarada mais alto e mais destacante, que nunca lhe falou.

«O direito dos humildes» não é uma esmola—é um dever. Dever logico, humano e democratico. A arte é uma republica de inteligencias. O mestre é igual aos discipulos. Quem souber ouvir—saberá ensinar. Ensinar-se a si proprio, ensinar aos outros—aos outros que não falem, mas sentem e que, se um dia viessem á falar tal como sentem, seriam tão grandes como quem os ensinou...

Artur Portela

VEJAM Os modelos de malas e carteiras adquiridos na Esposição de Artes Decorativas de Paris, pela casa Bastos Silva, L.da — Rua de S. Nicolau, 81

Garage Monumental
::: A maior do País :::
Comporta 800 carros
Recolha de carros a Esc. 60$00—Gazolina: Litro 2$20
Lavagem de carros aos clientes mensais
Esc. 4$500 cada
Avenida Alvares Cabral (ao Rato)—Telefone N. 4949

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75—Rua de S. Paulo—77

CAMEL CIGARETTE
DE FINO AROMA E PALADAR

Colchões de arame
H. BONO
73, Rua do Diario de Noticias, 75
(Ao lado da antiga Farmacia Jara)
Telefone: Central 642

Salão de Cabeleireiro
:: PRAÇA DOS RESTAURADORES, N.° 11 ::
Telefone N. 3115
Sob a direcção do competente artista
MADUREIRA

A Cidade

TEATRO MARIA VITORIA Tel. N 3644
DUAS SESSÕES ás 8 1/2 e 10 1/2
FOOT-BALL

Chá das cinco

«Mendigagem»

O mendigo Torcato, diz um correspondente do Porto para o «Diario de Noticias», é um velho quasi octogenario que exerce a profissão na rua das Flores, onde a policia o surpreendeu estendendo a mão á caridade.

Parece que a sua miseria se tornou suspeita ás autoridades, que o levaram á proxima esquadra, onde o mendigo Torcato declarou «que a rua das Flores, bem choradinha e bem famuriada, rendia, pelo menos, 50$00 por dia».

Mas o que causou maior espanto ainda ao chefe da esquadra, foi o facto de lhe encontrarem valores em papel na importancia de algumas dezenas de contos, que o activo profissional da «mendigagem» guardava carinhosamente na sua humilde sacola de mendigo.

Interrogado ácerca da proveniencia daquele dinheiro, declarou que o tinha ganho honradamente pedindo esmola e que, por sua morte, o destinava aos pobres seus companheiros de infortunio.

Perante esta declaração—e não sabemos porquê—a policia ofereceu-lhe um quarto mobilado no Aljube, onde o mendigo Torcato encontrará, por certo, mais conforto do que no seu misero casebre de Miragaia.

Senhor! se este pobre pedia para os pobres e lhes destinava, depois de morto, a sua pequena fortuna, porque rasão a policia o ha-de meter a ferros, quando anda em liberdade tanta gente que se apodera do alheio em proveito proprio?!

Façam justiça aos sentimentos filantropicos desse mendigo e dêem-lhe, pelo menos, a medalha de benificencia da Cruz Vermelha, porque tem mais direito a ela do que certos figurões que hipocritamente alardeiam a sua indole caritativa.

Norberto Lopes

O "raid,, Espanha-Argentina

UM TELEGRAMA
do Real Aero-Club de España

Tendo o aviador civil sr. Carlos Eduardo Bleck enviado um telegrama ao Real Aero Club de España, saudando-o, pela viagem á Argentina, recebeu hoje a seguinte resposta:

«Carlos Eduardo Bleck — Aero Club de Lisboa.

Agradecidisimos a sus sinceros votos por el exito Raid Palos-Buenos Ayres que llevaran nuestros aviadores a feliz término siguiendo gloriosa rota de Sacadura y Gago Coutinho.—*Real Aero Club España.*»

Recita de consagração

A empreza José Loureiro prepára para segunda feira proxima, no Teatro da Trindade, uma recita de consagração ao «raid» Espanha-Argentina, pelo feito heroico do aviador Franco e dos seus companheiros e pela nobre atitude manifestada por estes em todos os telegramas dirigidos ao glorioso almirante Gago Coutinho, vincando sempre respeitosa admiração pelo sábio precursor.

Na noite de segunda feira, á hora em que tudo indica estar atingido o cabo da sublime aventura, será representada pela ultima vez a maravilhosa revista «Las Maravillosas», aumentada de numeros extraordinarios, dos melhores do reportorio dos primeiros artistas da Companhia Velasco, que, em conjunto, cantará o hino do país irmão. A' consagração assistirão os representantes oficiais de Espanha e será convidado o venerando almirante Gago Coutinho, para quem actualmente estão focadas as melhores admirações e simpatias de todos os espanhois.

UM LIVRO DE MEMORIAS

Revelações
sensacionais
do general Ilharco
sobre a influencia
da politica no exercito portuguez

O general sr. Alberto Ilharco, antigo comandante das tropas republicanas que operaram contra os monarquicos durante a insurreição de Paiva Couceiro, acaba de publicar num curioso volume de *Memorias* alguns apontamentos sobre a influencia da politica no Exercito.

Tratando-se duma ilustre figura do nosso Exercito, que ainda recentemente presidiu ao Tribunal de Guerra que julgou os acusados do movimento de 18 de Abril, as suas revelações não pódem deixar de ter uma alta importancia.

Pouco tempo depois de implantada a Republica, o general Ilharco assume o comando do regimento de cavalaria 9.

Depois de narrar varios incidentes que se passaram durante a sua permanencia á frente daquela unidade, o general Ilharco ocupa-se da sua passagem pelo comando da Brigada de Cavalaria, onde os serviços ofereciam um quadro doloroso de desorganisação e indisciplina.

«A politica, arvorada em regulamento, nada deixava fazer, afectando intensivamente a disciplina».

Chega-se ao periodo de preparação militar que precedeu a nossa entrada na guerra. O general Ilharco comandava a 3.ª Divisão do Exercito. A proposito das dificuldades que surgiam para fazer a mobilisação, conta este exemplo:

«Um distinto advogado do Porto, Alfredo Morais de Almeida, pessoa das minhas relações, apresentou-me certo dia no quartel general um seu colega, José Domingues dos Santos, *que acabava de ser dado apto para o serviço militar pela Junta de Saude.*

«O aspecto deste homem era desolador e a sua prostração bem evidente. Estava no começo da sua carreira; tinha constituido familia e previa uma catastrofe, porque a sua saude lhe não permitiria resistir ao violento serviço de uma campanha. Uma lastima.

«Mas que poderia eu fazer-lhe? Se, como me dizia, a sua saude era precaria, eu poderia permitir-lhe que se apresentasse a uma junta de recurso. Assim se fez, sendo dado por incapaz.

«Desanuviado de tão fundas preocupações, *rapidamente o seu estado se modificou, recuperando a antiga robustez perdida.* Segundo me consta, é hoje um vulto importante na politica».

Rebenta em Lisboa o movimento militar de 5 de Dezembro. O general Ilharco assume o comando militar da cidade do Porto, onde se encontravam o chefe do governo, Afonso Costa e o ministro dos Estrangeiros, Augusto Soares.

«Pela meia noite apresentou-se-me no Quartel General o ministro dos Estrangeiros, dizendo-me que tinha sido preso á minha ordem, e pouco depois o dr. Afonso Costa nas mesmas circunstancias.

«Como não tivesse dado tal ordem, procurei informar-me, e só então tive conhecimento da existencia de um «comité» revolucionario, que me declarou ter vencido a revolução em Lisboa.

«Mantive as prisões, como aos proprios declarei, em seu exclusivo interesse, pois, se os deixasse em liberdade, isso lhes custaria a vida, em vista da atitude que por toda a parte eu via desenhar-se e que eles verificaram».

Na manhã do dia imediato, o general Ilharco recebia um telegrama assinado pelo capitão Feliciano da Costa, exonerando-o do comando da Divisão e mandando-o recolher, como preso, ao Castelo de S. João da Foz.

Aqui cabe uma nota elucidativa: o capitão Feliciano da Costa pertencia ao regimento de cavalaria 6, quando o general Ilharco comandava aquela Divisão, tendo-lhe sido participada, pelo seu comandante, uma *falta grave por ele praticada.* Foi encarregado de proceder a averiguações o coronel Espirito Santo. Tendo em conta a categoria moral do coronal, aplicou-lhe a pena de cinco dias de prisão disciplinar, da qual o capitão Feliciano da Costa recorreu para o ministro. «Este agravou o castigo para trinta dias de prisão correcional, em consequencia da fórma do seu recurso e das aleivosias nele contidas».

Assassinado em Lisboa o presidente Sidonio Pais, dá-se a insurreição militar do Norte. O general Ilharco é solicitado pelo governo a aceitar o comando em chefe do Exercito em operações contra os monarquicos. As paginas que se referem á acção das tropas republicanas e dos seus chefes, são todas cheias de interesse e só lamentamos que a falta de espaço não nos permita a sua transcrição.

Chega-se, finalmente, ao julgamento da Sala do Risco, onde o general Ilharco dirigiu os trabalhos como presidente do Tribunal. A sua opinião, exposta por mais duma vez ao ministro da Guerra, era de que o julgamento não se devia realizar, atenta a deficiente organisação do processo. O governo estava suficientemente informado, mas considerava o julgamento inaceitavel.

Diz o general Ilharco:

«Era de esperar, e disso estava bem prevenido o governo, que nos interrogatorios os reus se referissem a pessoas altamente colocadas na politica... Era edificante um tal estendal? De certo que sim; mas os mais culpados tinham sido aqueles que, talvez no louvavel intuito de evitar o que veio a dar-se, não mediram bem as tremendas responsabilidades que estavam criando para si e para o país».

O general presidente cita exemplos de testemunhas «que para decoro do tribunal e das instituições militares, melhor seria não terem comparecido».

«Um major miliciano de artilharia, (supomos que o sr. Faria Leal) ao serviço no gabinete do ministerio da Guerra, pessoa com acentuada mania oratoria, ao ser instado pela defeza, depois de varias divagações inoportunas e importunas, declarou que a culpa dos acontecimentos não cabia principalmente aos reus ali presentes, mas sim a tantos oficiais colocados no Estado Maior das armas, que os tinham levado áquela situação.

«Lembrando-lhe a defeza que ele, estando no gabinete, bem podia concorrer para que tais irregularidades se não dessem, respondeu textualmente:

«—Se eu fôse ministro, não se davam estas poucas vergonhas».

Ainda mais:

«Certo major, comandante de um batalhão de infantaria (supomos que o sr. Henrique de Melo) de quem um seu subalterno dizia: que tinha sido preso pelo major e ameaçado com uma pistola, gesto a que respondera no mesmo tom, mas que depois se compuzeram, reunindo o mesmo major os oficiais do seu batalhão para que tudo se esquecesse, não castigando o subalterno, com quem a seguir mantinha amis-

(Vêr continuação na 8.ª página)

A ARTE

A exposição
que o pintor
João Reis
está realisando na Bobone

A exposição de João Reis não é feliz. O artista não mostra este ano as suas qualidades vibrantes de tinta, de expressão plastica, de sinceridade paisagista. Ha nele, não um retrocesso, mas uma duvida. Talvez que esta crise passageira seja caminho para outro estilo, para outra escola, para outra visão. João Reis prometeu-nos muito, em exposições anteriores, embora desiguaes de brilhantismo e de realisação. Este ano, porém, as deficiencias são maiores. Os trabalhos apresentados interessam pouco. O quadro pequeno, pinceladó a medo, muito retocado, num impressionismo vagamente esclarecido — abunda. A paisagem nada tem que a recomende, embora, algumas vezes, como na «Saibreira», João Reis marque dum jacto as qualidades mais nobres do seu temperamento: vigor de tecnica, radiação solar, espaço desafogado de luz e de azul.

«Tranquilidade» é um estudo, que uma expressão mais vivida do modelo, tornaria completo e talvez perfeito. No «Tejo», mancha, o pincel deteve-se mais do que devia, minuciando côres que são mais decorativas de que verdadeiras. «Dia tranquilo» é nevoento e indeciso. «A missa das Almas», porém, destaca-se. A figura principal, numa posição classica—é bem desenhada, embora não traduza misticismo, conversão, asceze. As mascaras do fundo têm beleza e vivem na sombra, como captivas da sua propria fé. «Milheiral». «Oiro de Outono», «Rua de Aldeia», «Canto do Mercado»—não nos agradaram. «Ceu revolto» e um outro ceu, pintado no tezo dum monte—são nitidos. Perpassa em ambos a ancia do infinito; a queda do espaço. Com eles sonha-se mais alto e mais longe.

Crêmos, sinceramente, que João Reis, artista de brilho, sacudido de mocidade, extraordinario de aptidões pictoricas, com um passado que, embora curto, é já uma afirmação—nos dará, para o ano proximo, trabalho mais solido e mais categórico. Para isso basta que ele se integre nos horisontes que lhe são caros, não repetindo os assuntos, mas repetindo a sua maneira de trabalhar—que é larga, clara, expontanea, ora jorrando luz, ora jorrando côres.

Scena de familia

O nosso brado de ontem em prol do casal de tuberculosos, morador na rua de Sant'Ana, á Lapa, 21, foi felizmente ouvido. Hoje recebemos mais as seguintes quantias:

Transporte.....	776$00
M. Sardinha.....	2$50
Odette e Vasco Petrony Rodrigues.....	5$00
J. N.....	50$00
P. D. A.....	22$50
Anonima	50$00
Lia Constante Crespo Amador.....	20$00
Do Club de Caçadores.....	20$00
A transportar.....	926$00

A agua suja

Continua a cidade a ter de beber agua suja e a ter que lavar-se com agua suja.

Não sabemos a quem pertence a responsabilidade deste facto, nem da falta de agua que periodicamente se faz sentir.

O que sabemos é que não ha o direito de expôr a população duma capital a não ter agua para beber ou a ter de beber agua suja.

A pelicula Gevaert permite fazer boas fotografias durante o inverno.
Garcez L.da — Chiado-Lisboa

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. P-224
HOJE
A Moça de Campanilhas

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 8-45
O HOTEL POTEMKIN
Explorando Africa com o principe Guilherme da Suecia
O ORFEON ACADEMICO no RIO DE JANEIRO
Uma Cine Farça—Uma fantasia de desenhos animados—A Sala tem aquecimento

MISERIA

A repressão da mendicidade e a morte do pobre Francisco de Sousa

O nosso colega *O Seculo* publicou hoje a seguinte noticia:

O sr. governador civil, no louvavel intuito de limpar a cidade dos mendigos que a enxameiam, logo no dia da sua posse oficiou á Policia, pedindo que fosse reprimida energicamente a mendicidade. O sr. dr. Barbosa Viana esqueceu-se, porém, de que os asilos e outras casas de assistencia têm, de ha muito, a sua lotação excedida, não podendo, por falta de recursos, receber os mendigos presos pela Policia. Sucede, por isso, que a Policia, até aqui, tem prendido os pobres, num dia, para os juizes do Tribunal dos Pequenos Delitos, onde são remetidos, muito criteriosamente os absolverem no outro, visto os não poderem mandar para um asilo. Daí, o facto de uma medida simpatica dar origem a scenas desagradaveis e até lamentaveis como sucedeu ontem, á noite.

Numa rusga efectuada, cêrca das 20 horas, pela Policia Administrativa, foram presos e conduzidos para o Govêrno Civil 27 mendigos, entre os quais Maria Vitoria, de 70 anos, e Francisco Antonio de Sousa, de 71 anos. A comoção, ao entrarem nos calabouços, foi tão grande, que os dois foram acometidos de doença, tendo o Sousa falecido quando era metido na maca que o devia conduzir ao hospital. O seu cadaver, depois de verificado o obito no Banco do hospital de S. José, foi removido para a Morgue.

A Maria Vitoria deu entrada no mesmo hospital.

* * *

Tornava-se indispensavel ouvir o sr. dr. Barbosa Viana, ilustre chefe do distrito, a fim de que o caso não tivesse erradas interpretações. E o sr. governador civil imediatamente nos explicou tudo:

—Quando vim para este lugar, um dos problemas que logo me preocupou foi o da mendicidade. Como sabe, ha muita gente que anda a pedir sem necessidade—por vicio. E ainda que assim não fosse. Não se admite que numa capital, haja centenas de mendigos, a importunar-nos pelas ruas e pelos estabelecimentos.

—Pensou, portanto, na maneira de a reprimir...

—Decidi mandar uns para os asilos onde houvesse vagas e enviar os outros para as terras da sua naturalidade.

—Quem se encarregou da repressão?

—Como de costume, a Policia Administrativa que fez o que é de uso em casos taes: prender os mendigos que encontrasse.

—E o caso da morte a que o *Seculo* se refere?

—Logo que o Francisco de Sousa adoeceu, mandei-o recolher ao hospital, onde veio a falecer.

—E o processo da repressão continua sendo o mesmo?

—Não. Para evitar scenas desagradaveis como esta, estou estudando com a Albergaria de Lisboa a maneira de fazer essa repressão sem fazer passar os mendigos pelos calabouços. Seguirão todos directamente para a Albergaria, donde serão enviados para as terras da sua naturalidade os que não forem de Lisboa. Os outros ficarão internados.

DE LUTO

João Caldeira Rebolo

João Caldeira Rebolo, falecido ontem em Lisboa, no 1.º andar do predio 422 da rua de S. Bento, foi uma das mais interessantes individualidades politicas do seu tempo. Voluntariamente recolhido á intimidade do seu lar, só os amigos davam agora pela sua existencia para o cercarem do carinho e do respeito que por suas preclaras qualidades bem merecia.

E no entanto, Caldeira Rebolo foi um jornalista de rija tempera, ao seu esforço devendo o antigo partido regenerador, durante muitos anos, o melhor da sua inteligencia, no distrito de Portalegre.

Inteligente, honrado, inflexivel de caracter e convicções, Caldeira Rebolo morreu, naturalmente, pobre, não obstante ter passado a vida a trabalhar.

Loteria de hoje

Numeros mais premiados

1948...	400.000$00	3129...	3.000$00
5220...	60.000$00	5003...	3.000$00
217....	20.000$00	6216...	3.000$00
2494...	3.000$00	7304	3.000$00

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

O que será esta noite a sessão solemne em comemoração do aniversario da eleição de Pio XI

Hoje o mundo catolico rejubila. Celebra-se o quarto aniversario da eleição do Cardial Ratti. S. S. Pio XI receberá os louvores e os agradecimentos de quantos ainda não descrêem, e são muitos milhares, e são muitos milhões, vivendo á superficie da terra.

O chefe supremo da Igreja Catolica é uma alta, uma nobilissima figura moral e intelectual. Homem de uma rara cultura e de um superior tacto politico, os seus pensamentos e os seus actos são sempre norteados pelo objectivo, claro e luminoso, de apasiguar as paixões, de melhorar a humanidade. Ninguem com a influencia de que ele dispõe; ninguem com a autoridade e o prestigio de que ele gosa; ninguem mais indicado para o desempenho de tão delicado papel, como esse sacerdote de sublimes virtudes e de raro entendimento.

* * *

Em Portugal, celebrações varias. Recepção na Nunciatura, «Te-Deum», sessão na Sociedade de Geografia, sessão academica, ao que afirmam os orgãos catolicos da manhã noticiando o acontecimento cujo significado e cuja importancia é desnecessario ocultar.

A' sessão academica, a que presidirá o Chefe do Estado, assistem o corpo diplomatico, personalidades em destaque no nosso meio de arte, da politica, das letras.

O cartão de convite que temos na nossa frente indica que usarão da palavra «Três notaveis individualidades no meio diplomatico, scientifico e parlamentar». As personalidades em questão são os srs. embaixador do Brasil, dr. Cardoso de Oliveira; o sabio doutor em matematica, Gomes Teixeira e o sr. Cunha Leal, «leader» do Partido Nacionalista na Camara dos Deputados. O primeiro, uma figura de relevo, incontestavelmente, entre diplomatas e homens de letras. O dr. Gomes Teixeira, catolico militante, é uma gloria da sciencia lusitana. O sr. Cunha Leal, um orador de forte eloquencia e de raro poder de sugestão.

* * *

Os convites foram dirigidos directamente pelo Nuncio em Lisboa Mg. Nicotra. A que plano, a que sugestão, a que finalidade obedeceram eles?

O facto de um convite, que deve ter sido feito nos termos mais captivantes e honrosos, se dirigir a um militante, e dos mais combativos, e dos mais discutidos, da Republica, pessoa habituada ás mais arduas lutas e ás oposições mais rudes e tenazes, não passou despercebido.

O facto foi, naturalmente, comentado.

O sr. Cunha Leal é para muitos, hoje, o chefe da direita republicana. Mas chefe que encontra adversarios perigosos até entre os proprios correligionarios. O seu discurso, a proferir logo á noite na Sociedade de Geografia, marcará uma posição que convem meditar e considerar.

Indubitavelmente a politica catolica no nosso país está sofrendo uma transformação. Transformação que não pode deixar de ser agradavel para os homens que servem o regimen e, sobretudo, para aqueles que, através de tudo, vem preconizendo e defendendo uma formula de sincero entendimento com a Igreja Catolica.

O "TE-DEUM,, DE HOJE

Nem um nome dos de registo mundano na Sé velha, hoje, á hora de começar a cerimonia religiosa.

Gente do povo, muita. A' porta, três ou quatro carros modestos. Lá dentro, sacerdotes e algumas senhoras. A igreja não encheu. Nem o acto se revestiu de uma grande, de uma dominadora solenidade. Teve o recolhimento, a modestia, a simplicidade das manifestações de fé sentidas e dominadoras.

Dos grandes da Igreja compareceram todos os que podiam comparecer. E ás 15 horas dirigia-se já para a tribuna o cortejo, que levava á frente o vigario geral do patriarcado e que servia de pretexto para o sr. D. Antonio Mendes Belo lançar a sua benção aos fieis, que ajoelhavam.

Na tribuna tomaram logar o Nuncio de S. S., Mgr. Nicotra, que se fazia acompanhar pelo seu secretario, Felice, e os srs. bispos de Portalegre e Trajanopolis.

* * *

O sermão, sermão dos grandes momentos e de cuidada preparação, foi dito pelo rev Agostinho da Mota. Quando este subiu ao pulpito, os centos de fieis que se encontravam na igreja fizeram uma pausa nas suas conversações.

—Amar os pais, é a gloria e a maxima honra que pode caber aos filhos. Nós, hoje, encontramo-nos aqui para louvar e glorificar o nosso pai.

E depois:

—Entre os muitos aspectos por que a alma humana revela e significa a sua subordinação á autoridade papal, está aquele que serve para todos, pois lhe chamaremos o vigario de N. S. Jesus Cristo.

«Dizer isto, é dizer que só ele é rei, que só ele é mestre, que só ele é pastor e Sumo Sacerdote.

«E' dizer que ele dispõe de uma força com que rege a humanidade inteira.

«Só ele pode julgar em ultima instancia. Só ele pode julgar em primeira e ultima instancia, porque é o portador dos nossos destinos para o tempo e para a salvação.

O padre Agostinho da Mota é um orador nervoso, violento por vezes:

«Ah senhores, como é deploravel a situação daqueles que o ignoram, que não conhecem o supremo, o dominador poder papal!»

E depois de significar que a autoridade de Sumó Pontifice é a unica que não sossobra, que não perece, que não morre perante as investidas dos desvairados, conclue fazendo o elogio caloroso de Pio XI e das suas qualidades.

* * *

Ao sermão seguiu-se a exposição do Santissimo, o «Te-Deum» e a benção do Santissimo, ceremonias que se revestiram de certa solenidade.

Pelos teatros

Reginaldo Duarte

Reginald Duarte, moço actor do Teatro Foz, que já em outras companhias tem triunfado, pelas suas reais qualidades de actor comico tem na revista

REGINALDO DUARTE

«Pom-Pom» diversos numeros que imediatamente se tornaram populares, como a «charge» á «Rita e Manecas», com a «estrela» da Companhia Maria de Lourdes Cabral, as «Cantigas de Vintem», com Dora Vieira, etc.

Os vendedores de jornais

Organizada pelo nosso colega «O Seculo», realiza-se, no dia 1 de Março, uma festa, a favor dos vendedores de jornais.

O programa é o seguinte:

«Soror Mariana», interpretada por Amelia Rey Colaço, Emilia de Oliveira, Constança Navarro, Alexandre Azevedo e Robles Monteiro.

Antes da representação, Teodoro Santos lerá um perfil instantaneo de Julio Dantas, escrito por Antero de Figueiredo.

«O doido e a morte», farça em um acto, interpretando as primeiras figuras José Alves da Cunha, e Joaquim de Oliveira.

Antes da representação, Gastão Alves da Cunha lerá um breve perfil de Raul Brandão, por Aquilino Ribeiro.

«Auto do Fim do Dia», tendo nas principais personagens Adelina Abranches, Berta de Bivar e Raul de Carvalho.

Antes da representação, Robles Monteiro lerá um curto perfil de Antonio Correia de Oliveira por Julio Dantas.

«Rendez-vous amarelo», um acto de Julio Dantas, expressamente escrito para ser interpretado, nesta noite, por Palmira Bastos e Raul de Carvalho.

«A-proposito», musicado, á maneira de quadro de revista, escrito, em prosa e verso, por Tito Aranhas, e que será desempenhado por Luiza Satanela, Hortense Lux, Estevão Amarante, Alexandre de Azevedo e Robles Monteiro.

Atrás do reposteiro

A récita de homenagem a Araujo Pereira, no teatro Apolo, realiza-se segunda feira.

—Deve regressar brevemente a Lisboa, vindo de Paris, depois de ter estudado durante um ano a tecnica cinematografica moderna, o actor Artur Duarte.

—Na terceira pagina publicamos hoje, devido á pena do nosso critico teatral Artur Portela, um artigo sôbre a crise do teatro Nacional e sôbre os artistas que nunca envelhecem.

—Logo a seguir á época de Carnaval, a companhia Lucilia Simões-Erico Braga, põe em scena a comedia «O homem das cinco horas», de Hennequim e Weber», traduzida por Alvaro de Andrade, que durante mais dum ano esteve em scena no Théatre Palais Royal, de Paris, e que actualmente se representa no Scala daquela cidade. Até hoje, «O homem das cinco horas», conta mais de 700 representações seguidas.

—Na proxima primavera, segundo consta nos bastidores de teatro, devem saír de Lisboa, com destino ao Brasil, as seguintes artistas:

Ester Leão, Palmira Bastos, Maria de Lourdes Cabral, Maria Matos e Laura Costa. Consta tambem que se estão organisando duas companhias de revista e duas de declamação.

—Parece que logo termine a época de Carnaval fechará novamente um dos nossos primeiros teatros de declamação, partindo para uma larga «tournée» ou dissolvendo-se a companeia.

—Milly Portela desempenha, na revista «Pom-Pom», em scena no Foz, varios papeis interessantes em que exibe lindas «toilettes».

TEATRO DO GYMNASIO

Ultimas de

A Tia Andreza

com Gil Ferreira e Alegrim

DOMINGO: 9.° concerto Fão.

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

HOJE

Representação da comédia

Não te melindres, Beatriz

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129

Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha

HOJE ás 21-15 HOJE

O SALTIMBANCO

Saes «DERMOXA»

Curam todos os males dos pés

Evitam e curam radicalmente as FRIEIRAS suprimindo logo a dôr, comichão, inchação e inflamação.

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias.

Deposito: MARIO BRANDÃO — Rua Eugenio dos Santos, 99 — Lisboa.

N. B. — Exijam os verdadeiros Sais «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo. Laboratoires J. Nante, 62, Avenue Gambetta — Paris.

CASA DA MATHILDE

Restaurant e pensão

JANTARES AOS DOMICILIOS

Caril — Quartas e Sabados

ABERTO TODA A NOITE

144, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 146

(entrada pelo n.° 148) — Lisboa

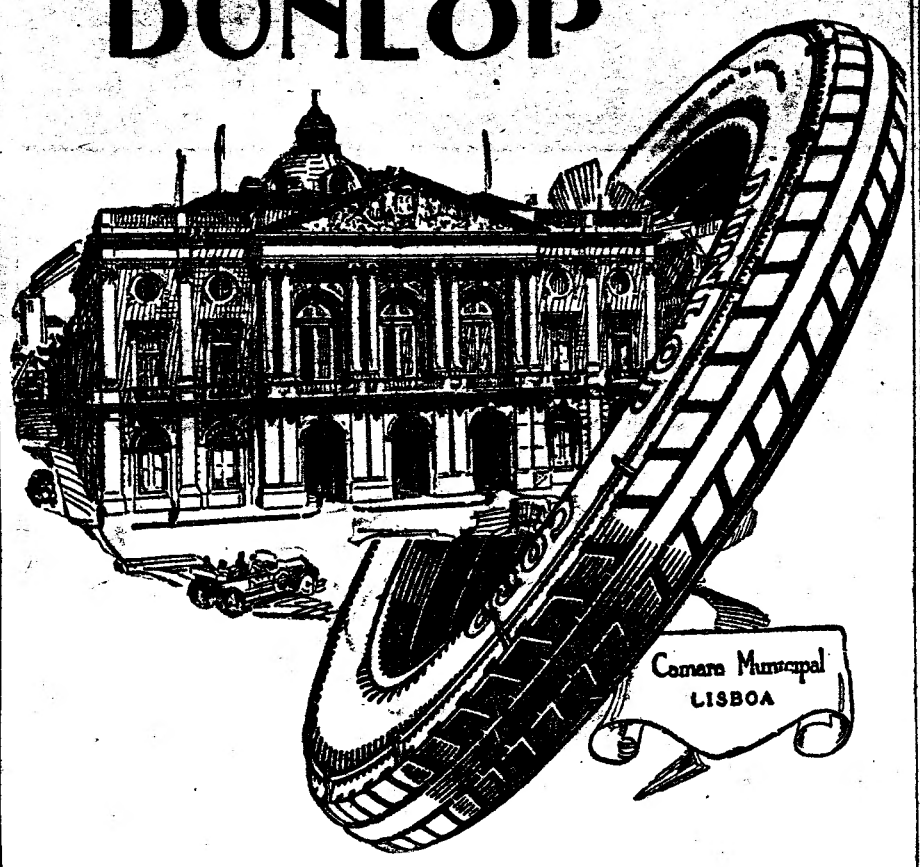
Eduardo Augusto Boaventura

FALECEU

Margarida Boaventura da Silva, Carlos Miguel da Silva, Virginia Boaventura da Silva e mais Familia, participam o falecimento do seu muito chorado Pai, Sogro, Avô, Irmão e Tio e que o seu funeral se realiza, amanhã, ás 12 horas, da Rua D. Estefania 32, r/c, para o Cemiterio Oriental. Não se fazem convites especiais pelo estado de consternação em que se encontram.

Trata a Agencia Antonio de Paula Lopes, R. da Palma n.° 5. — Telefone N. 2978.

DUNLOP



---

30 MOBILIAS 32

A PREÇOS SEM COMPETENCIA

4 MOBILIAS 4 — 5.700$00 — QUARTOS PARA CASAL DESDE 2.100$00

3 MOBILIAS 3 — 3.600$000 — CASAS DE JANTAR DESDE 1.400$00

Lindas mobilias em estilo inglez

Moveis desirmanados

Não comprem sem consultar os nossos preços

ALMEIDA & RODRIGUES

30 — RUA DO NORTE — 32 (Ao Camões)

MOBILIAS Boa construção e esmerado acabamento

Antiga Marcenaria do Desterro

Grande baixa de preços

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Fabricante profissional

Oficinas e salão de vendas

17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

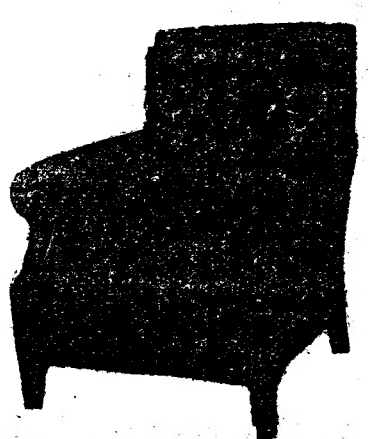
MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)

TEL. C. 3082



BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — RUA DO OURO, 18. 24

PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE, 28. 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

---

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4358

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Todas as noites, ás 21-15

O Pão de Ló

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

HOJE

Representação da peça mais querida do publico

As Onze Mil Virgens

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

Nova epoca extraordinaria

HOJE — A's 21,15

A comédia em 3 actos, de Lepiva

MADEMOISELLE DEMONIO

POLICLINICA DO INTENDENTE

ALMIRANTE REIS, 27, 2.°

Telefone N.° 2989-N.

Dr. Abel Alves — Ouvidos, nariz e garganta, ás 13

Dr. Almeida Dias — Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.

Dr. Anastacio Gonçalves — Doenças dos olhos, ás 15.

Dr. Antonio Martins — Doenças das senhoras, ás 17.

Dr. Armando Formigal Luzes — Rins e vias urinarias, ás 11.

Dr. Artur Pacheco — Doenças da pele, ás 14.

Dr. Carlos Fradique — Doenças das crianças, ás 15.

Dr. Fernando Fonseca — Sifilis e doenças da nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.

Dr. Formigal Luzes — Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (diathermia), etc.)

Dr. Mario Rosa — Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.

Dr. Pereira da Silva — Analises clinicas. Vacinas, ás 14.

Dr. Pereira Varela — Doenças da boca e dos dentes, ás 10.

Dr. Vasco de Lacerda — Clinica medica, coração e pulmões, ás 14.

Dr. Vasco Palmeirim — Cirurgia geral e operações ás 16.

MOBILIAS Esmerada fabricação SOUSA E BRITO 182, Rua da Rosa, 190

A'S SENHORAS

Chapeus de feltro transformam-se com rapidez a 15$00 ultimos modelos. Tambem se tingem em qualquer côr, e fazem-se novos

Ensina-se em 24 lições, sistema facil e rapido, a confecção de chapeus de senhora por qualquer figurino.

Rua Manuel Bernardes, 25, r/c.

(A' Praça das Flores)

BRILHANTES GRANDES

Sem defeitos, paga-se 2.700$00 o quilate, cautelas do monte-pio e joias pephoradas no mesmo, paga-se todo o seu valor. Adianta-se dinheiro para retira-las. Rua 24 de Julho, 60, 1.°, a Santos.

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.°

A PATRIA
SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20 A, 1.º
PORTO: — Rua do Almada, 207, 1.º
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS NAS MELHORES CONDIÇÕES INCLUINDO DESASTRES NO TRABALHO E RESPONSABILIDADE CIVIL

ESTRANGEIRO

MORRIS
CIGARRETTES
os de melhor
fabrico inglez

DIZEM DE BERLIM

POR
uma nota
da comissão juridica
do Reichstag
sabe-se
quanto recebem os Hohenzollern

BERLIM, 6

Segundo uma comunicação feita á comissão juridica do Reichstag, cinco membros da familia Hohenzollern, entre os quais três filhos de Guilherme II, recebem pensões do governo da republica alemã, na sua qualidade de antigos oficiais.

Esta pensão atinge um montante anual de 45.000 marcos.

O principe Henrique da Prussia, na sua qualidade de antigo almirante, recebé uma pensão de 17.000 marcos por ano.

O ex-kronprinz não recebe qualquer pensão.—(H.)

2.096 falencias
durante o mês de Janeiro

BERLIM, 6

Segundo uma estatistica acabada de publicar, houve na Alemanha, durante o mês de Janeiro ultimo, 2.096 falencias, contra 1.660 em Dezembro. Esta ultima cifra constituia já um «récord» na historia economica da Alemanha.—(H.)

Foi descoberta
a maquina das notas falsas

BERLIM, 6

Os jornais dizem que os agentes da policia franceses e hungaros descobriram no Instituto Cartografico a maquina que serviu para a fabricação de parte das notas falsas.—(H.)

DR. ARMANDO NARCISO
Medicina, tuberculose e sifilis
Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º
(A' Rua do Amparo)—Telf. 5205 N.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 5205-N

NO ALTO MAR

O naufragio
do "Antinoë,,
relatado pela telegrafia sem fios
pelo proprio comandante

O capitão Tose, comandante do «Antinoë» fez, sob a forma duma entrevista, com um operador da Britsh Broadcasting que o interrogava no auditor da 2 L 0, o relato dos emocionantes momentos que, ele e os seus homens, viveram até serem recolhidos pelo «President-Roosevelt».

Quando o «Antinoë» se encontrava com o governo perdido, e inclinado já dez graus, recebeu comunicação do «Aquitania» informando que «President-Roosevelt» corria em seu socorro.

—Ao meio dia e meia hora do dia 24, o «President-Roosevelt», que se dirigia igualmente a Queenstown, estava á vista. O seu capitão preguntou-nos se queriamos abandonar o «Antinoë». Eu respondi: «Ainda não, mas conserve-se á vista.

Toda a noite fez a nossa tripulação esforços desesperados para nos mantermos á superficie. A' tarde, a inclinação era de 15 a 20 graus, e pela noite perdemos de vista o «President-Roosevelt», devido ás tempestades de neve.

A's 4 da manhã de 25, continuando a fustigar-nos a tempestade, avistámos, a três milhas de nós, dois vapores, cuja atenção não conseguimos, desgraçadamente, despertar. A neve redobrou de violencia até ao meio dia.

A's 15 h. 30, o «President- Roosevelt» estava de novo á vista e nós comunicámos-lhe estar dispostos a abandonar o «Antinoë. Tinhamos já quatro chalupas perdidas e as maquinas haviam cessado de funcionar.

No dia seguinte, pela manhã, o «President-Roosevelt» lançou oleo ao mar, e durante hora e meia aplacaram-se as ondas. Os americanos desceram uma balieira em nosso socorro. Nesse momento rompeu de novo a borrasca, e nós passámos pela dôr de ver, a balieira e seus tripulantes, arrastados pelas ondas sem que alguem lhes pudesse prestar socorro.

Na madrugada de 26 a inclinação do «Antinoë» era de 30 graus, e suplicámos ao «President-Roosevelt» espalhasse mais oleo, o que foi feito imediatamente.

A agua subia a cada momento no nosso barco. Durante todo o dia e uma parte da noite, o «President-Roosevelt» com quem trocávamos sinais desesperados, buscou, com o auxilio de foguetões, e em vão, aproximar-se de nós.

A 27, ás 3 da manhã, a inclinação era de 35 graus. As provisões estavam gastas e a tripulação, depois de quatro dias de esforços sobre-humanos, de privações e de sofrimentos inauditos, devidos ao frio intenso, estava completamente extenuada. A situação era cada vez mais desesperada. Foi então que o «President-Roosevelt» nos comunicou ter já perdido três chalupas e necessitar aguardar calmaria antes de novas tentativas.

Ao nascer do sol enviaram-nos outra balieira que não conseguimos alcançar.

Muitas outras tentativas foram igualmente infrutiferas. Emfim, ás 5 da manhã, era tal a nossa inclinação que pouco faltava para submergirmos. O «President-Roosevelt» avisou-nos que nos preparassemos, pois nos iam enviar nova balieira. Conjurei os meus homens a conservarem todo o sangue frio e respeitarem a ordem por que deviam abandonar o «Antinoë», isto é, primeiro os homens casados.

Não foi, porém, antes das 19 h. 30 que conseguimos apoderar-nos da embarcação.

Embarcaram onze marinheiros e um oficial, e comunicámos: «Balieira acaba de partir com doze homens. Aqui ficam trinta».

A' meia noite, a nossa inclinação era de 40 graus, e o «Antinoë» devia-se voltar ou afundar, dentro de pouco tempo.

Com grande alegria nossa, o «President-Roosevelt» comunicou ter metido ao mar nova balieira para recolher o resto da tripulação.

Efectivamente, esta chegou, abordando á pôpa, e o meus companheiros e eu conseguimos embarcar. A abordagem ao «President-Roosevelt» não foi facil. A maioria dos nossos homens estavam exaustos e, muitos deles, feridos. Encontravam-se, pois, incapazes de subir as escadas, e foi necessario elevá-los com o auxilio de cordas.

A 28, pelas 1 h. 35 da manhã, estavamos todos, sãos e salvos, a bordo do «President-Roosevelt». Os passageiros ofereceram-nos as suas cabines e os medicos ocuparam-se dos feridos.

Joias antigas, modernas e ouro
seja qual fôr o seu valor se compram pelos melhores preços, assim como cautelas do Monte Pio Geral mesmo que sejam antigas. Na COMERCIAL.
18, T. da Trindade, 22
(ao Chiado) Telef. C.-3992

DIZEM DE LONDRES

FOI
assaltado
o comboio expresso
Moscou-Riga
de noite
por dois individuos mascarados

LONDRES, 6

Dois individuos mascarados, foram mortos no expresso Moscou Riga, durante um combate travado a tiro de revólver com dois correios sovieticos, um dos quais ficou egualmente morto e outro gravemente ferido.

As autoridades supõem que os dois assaltantes pretendiam apoderar-se de importantes documentos que de Moscou eram transportados a Berlim.—(L.)

O julgamento
dum comissario de policia

LONDRES, 6

Foi hoje julgado no tribunal da Relação sir Basil Thomson, antigo comissario da policia metropolitana, e que era acusado de na noite de 12 de dezembro ultimo ter praticado um crime de ofensas contra a moral, com uma rapariga em Hyde Park.

O antigo agente da autoridade, que foi imediatamente demitido apoz a apresentação da queixa, foi agora condenado a cinco libras de multa e cinco libras de custas.—(L.)

Uma crise
no «fascismo» italiano?

LONDRES, 6

O «Daily News» diz que está iminente uma crise no seio do «fascismo» italiano, e que essa crise poderá ter consequencias bastante serias. A causa desta dissidencia seria um desentendimento entre os srs. Mussolini, Federzoni e o secretario geral Farinacci. Segundo informações particulares, o sr. Farinacci será obrigado, dentro de pouco tempo a abandonar o seu cargo de secretario geral do «fascismo».—(H.)

Desapareceu
a filha dum almirante

LONDRES, 6

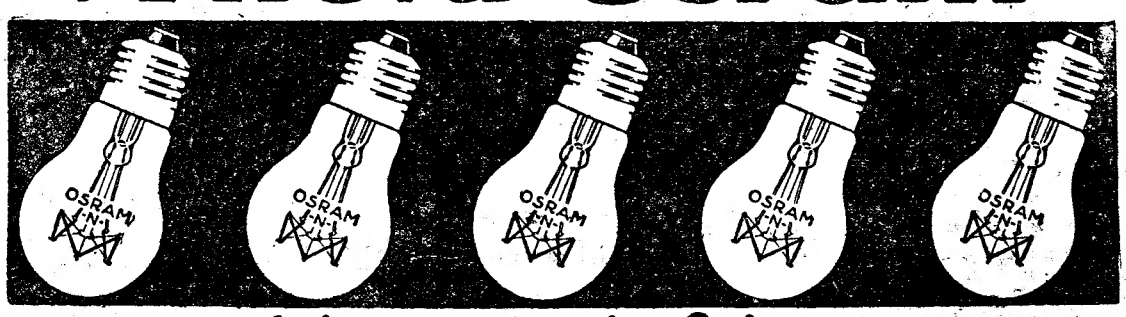
Foi oficialmente anunciado o desaparecimento de miss Honor Cecilia Paget, de 19 anos de idade e filha unica do falecido almirante Sir Alfred Wyndham Paget.

O desaparecimento deu-se em sensacionais circunstancias, em 27 de janeiro ultimo, e todos os esforços feitos pela policia para a encontrar resultaram até agora perfeitamente inuteis.—(L.)

'CHIC, P. Restauradores, 20
O melhor café
O melhor bife
O melhor almoço

Policlinica do Conde Barão
Largo do Conde Barão, 12, 1.º
Telef. Central 1902
Doenças dos olhos — A's 5 horas — Dr. Medeiros d'Almeida.
Doenças dos rins e vias urinarias — A's 3 horas — Dr. Bastos Lopes.
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta — A's 2 horas — Dr. Manuel Pinto.
Cirurgia geral — Operações — A's 2 1/2 horas — Dr. Santos Paiva.
Clinica geral — A's 2 horas — Dr. Fernando Cabral.
Doenças das senhoras — A's 5 horas — Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.
Analises clinicas — Dr. Anibal de Magalhães.
Doenças venereas e sifiliticas — A's 2 horas — Dr. Oliveira Zuquet.
Doenças de boca e dentes — A's 3 horas — Brum da Silveira.
Clinica medica — Doenças do coração e pulmões — Doenças nervosas, electroterapia — A's 4 horas — Dr. Luiz Pacheco.
Raios X — Massagens

A nova Osram



A lampada do futuro
Fixae a nova forma em pera

Dr. ALBINO PACHECO
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o seu consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 h.—Telefone C. 535
Residencia—Telefone C. 2577

ULTIMAS NOTICIAS

Chapeus Modelos
para esta estação, encontra V. Ex.ª uma variadissima colecção recentemente recebida de Paris, em
SALÃO AUREO
246—RUA DO OURO—248
TELEF. 3018 N.

O 18 DE ABRIL

A Sala do Risco

transformou-se NUM CALVARIO sendo crucificados

três dos seus membros

(Continuação da 4.ª pagina)

tosas conversas, a ponto de lhe estranhar o não ter sido convidado para a revolução; ao ser acareado com o subalterno, não negou as suas afirmações, declarando que se lhe dissera que havia estranhado o não ser convidado para a revolução, o dissera por *cinismo!*

E comenta:

«Estas e outras coisas são deprimentes para o Exercito, e é lamentabilissima a possibilidade de poderem estar á testa de unidades oficiais, cujo errado criterio no seu falar e no seu proceder bem patenteia a falsa compreensão que têm das suas funções de comando».

Referindo-se ás declarações dum sobrinho do general Adriano de Sá, diz o seguinte:

«Este rapazola, um cumulo de pedantismo, que póde chegar a confundir-se com uma requintada baixeza de caracter, abusando da intimidade do general, e, talvez, deturpando o que lhe ouvia nas suas conversas, bolsou ali sobre o seu pobre tio as mais ignominiosas acusações».

«Uma verdadeira miseria moral e mental em homens que, pela sua categoria social, se deviam julgar afastados de tais situações.

«Confesso que, por vezes, tive desejos de, ainda que arbitrariamente, pôr termo a tão humilhante espectaculo, mas a uma das minhas tentativas nesse sentido opuzeram-se os protestos da defeza, que fui obrigado a atender, para não prolongar o julgamento sem vantagem alguma, porque os factos haviam de repetir-se, talvez ainda com maior intensidade».

Outro exemplo:

«Uma outra testemunha, oficial superior do Exercito e ex-ministro, (supomos que o tenente-coronel sr. Pires Monteiro) com uma ingenuidade cheia de altivez, e patenteando um estudado exibicionismo, nada disse sobre a acusação, limitando-se a narrar o seu procedimento *glorioso* na missão de que o governo o encarregara a seguir a ter terminado o incidente revolucionario.

«Houve-se, porém, por forma tão imprudente, que deu logar a uma severa apreciação por parte da defeza, a qual lhe fez sentir que em assunto de tão grande melindre se não podia empregar uma tal leveza de dizer; que tudo quanto acabava de ouvir devia ser da autoria da propria testemunha, porque não podia admitir que um ministro, por mais desmiolado que fôsse, lhe tivesse dado tais instruções».

E o general Ilharco conclue:

«Tudo isto concorre para o desprestigio do Exercito, por vezes secundado pelos proprios governos, mas evidentemente demonstra o erro do regime em não procurar adaptar a si pessoas de caracter, tendo para as suas falhas de aceitar queles que se lhe oferecem incondicionlmente».

Agora a nota final do livro, que nos parece interessante:

«A Sala do Risco, armada em tribunal, transformou-se por fim em um calvario. A' absolvição dos reus que foram julgados, seguiu-se a crucificação de três dos seus membros.

«Numero simbolico!

«Não sei a qual dos três foi distribuido o papel de Cristo, de quem Pilatos disse: levai-o e crucificai-o! E lavou as suas mãos.

«Ladrões não havia ali; nem bons, nem maus. Se os houver, deverão estar todos em empregos mais lucrativos.

Consumatum est.

A BURLA DAS NOTAS

Como

se falsificaram os reconhecimentos dos contractos

Como ontem futurámos, as investigações sobre o Angola e Metropole já hoje deram noticia merecedora de registo sério. O sr. dr. Alves Ferreira que ha dias não encontrava, e com razão, motivo para confiar á publicidade quaisquer informação, já hoje voltou a fornecer á imprensa a habitual nota oficiosa, que desta feita resa assim:

«Os peritos terminaram o exame aos livros de sinais do cartorio, no notario desta cidade, sr. dr. Avelino de Faria, vitima da falsificação dos reconhecimentos. Por aquele exame averiguou-se que não ha contra aquele funcionario nem contra o seu ajudante, qualquer indicio de culpabilidade no caso em referencia.

Foi ordenado o exame directo em todas as notas apreendidas, tipo «Vasco da Gama» de 500 escudos; e continuam os interrogatorios dos presos e a inquirição de testemunhas».

Deixemos as testemunhas; deixemos os interrogatorios dos presos; deixemos o exame directo das notas para a devida oportunidade; e fixemos hoje, que vale a pena, o pormenor da falsificação de que foi vitima, como se diz na nota, o sr. dr. Avelino de Faria.

Como fizeram os burlões a falcatrua?

Foi assim:

Redigiram numa folha de papel selado um documento qualquer sem importancia — um dos muitos papeis que todos os dias transitam pelos cartorios — arranjando, as coisas de maneira que a prosa acabava no alto da terceira pagina com quaisquer palavras das que se chama «sacramentais» por costumarem ser o fecho de todos os documentos forenses.

Assinado por Alves dos Reis, levaram-no a reconhecer; o que se fez sem dificuldade alguma, pois nada havia ali que fôsse de molde a determinar, sequer, uma suspeita de falcatrua. O documento era verdadeiro; estava legal; a assinatura era a propria. Não havia motivo algum para que o sr. dr. Avelino de Faria, por si ou pelo seu empregado — foi o seu empregado Feio quem tratou do caso — opuzessem duvidas ao reconhecimento que se lhes pedia. Nem o sr. dr. Avelino de Faria nem qualquer outro notario, fôsse em Portugal, fôsse em qualquer outra parte do mundo.

Tanto assim que, uma vez obtido o primeiro reconhecimento, os burlões levaram o papel ao consulado britanico, e ao consulado alemão, e em nenhum deles houve duvidas tambem.

Esta é a primeira parte da burla.

* * *

A segunda. Obtidos todos os reconhecimentos desta maneira absolutamente legal, os burlões fôram-se ao documento, rasgaram-lhe a primeira folha, substituiram-na por outra com os dizeres do contracto que lhes convinha, antepuzeram á de Alves dos Reis, falsificando-as, as assinaturas das pessoas que eram precisas para a casa Waterlow & Sons caír no logro, acrescentaram os ss precisos aos termos do reconhecimento, passando a frase para o plural conforme as regras da gramatica de instrução primaria; e pronto. Daí a meses estavam as notas fabricadas e andava-se já no trabalho complementar da candonga com as *valises* diplomaticas.

* * *

Como se descobriu isto? Foi facil. Primeiro, a particularidade de se pluralisar, na batota do reconhecimento, a palavra *supra*. Falta de gramatica e latim de fancaria. Depois, deficiencia de selos. Por fim, este facto que saltava aos olhos: um dos selos do reconhecimento feito no consulado britanico ficára colado na dobra do papel. Os burlões, ao substituirem a meia folha, rasgaram, com o papel, a metade do selo que lhe estava colada, e assim julgaram ter concluido de maneira segura a formidavel falcatrua.

OS ACONTECIMENTOS

O "Patrão Lopes"

seguiu hoje para Ponta Delgada

transportando onze revoltosos

Do ministerio da Marinha, recebemos a seguinte informação:

«Larga hoje para Angra do Heroismo com os presos considerados cabecilhas do movimento radical, o vapor de salvação «Patrão Lopes».

Continua-se a trabalhar activamente, nos fabricos do transporte «Pero d'Alemquer», onde ainda se encontram as praças revoltosas. Diz-se que se não fôr resolvido nada em contrario, seguirá para Ponta Delgada.»

* * *

Procurando confirmação desta noticia, soubemos o seguinte:

De bordo do «Pero de Alenquer» foram transferidos para o «5 de Outubro» os srs. dr. Lacerda de Almeida, Martins Junior e os cinco sargentos de Vendas Novas, que depois passaram para o «Patrão Lopes», onde se lhes foram juntar os srs. tenente-coronel Justiniano Esteves, capitão Zeferino, tenente Graça e alferes Marques.

Estes 11 presos fôram instalados nuns acanhados e incomodos beliches improprios para viagens de algumas horas, visto que o «Patrão Lopes» é um rebocador de alto mar.

* * *

Segundo nos informam da barra, o «Patrão Lopes» saiu efectivamente esta manhã, com destino a Ponta Delgada.

Jantar diplomatico

No dia 12 do corrente o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros oferece ao corpo diplomatico um jantar, seguido de baile, a que assistirão o govêrne e autoridades superiores.

O direito maritimo internacional

Reuniu-se hoje a comissão do direito maritimo internacional, que tratou das imunidades dos navios do Estado e ainda de assuntos referentes ás aguas territoriais e internacionais.

UMA ENTREVISTA

A responsabilidade dos incriminados NO PROCESSO do complicado caso do Angola e Metropole

(Continuação da 1.ª pagina)

se filia, nunca tinham chegado a Portugal. Iludiram a casa Waterlow.

—Quanto ao Banco de Portugal?

—O Banco de Portugal não tem responsabilidade alguma. Se alguma prova ou indicio tivesse encontrado met a na cadeia qualquer dos seus governadores ou directores. São vitimas, mais nada.

E com convicção:

—Quando se chega, como eu cheguei, ao ultimo quartel da vida, sem ambições nem equivocos ligeiros sequer sobre o meu nome de magistrado, não se volta as costas á honra. Aceitei o cargo para apurar a verdade, e para tal eu ia até onde fôsse preciso. Com a força do governo, a sua lealdade, a independencia de que me revestiu, com o auxilio dos juizes meus cooperadores, honrados e inteligentes, grandes amigos, e magistrados incapazes de uma fraqueza, com a colaboração da policia e dos meus auxiliares dedicadissimos, com o país a seguir os meus passos—eu ia até onde fosse necessario. Julgo-me com o direito de ser respeitado. Pois afirmo que o Banco de Portugal é vitima, e algumas suspeitas contra alguns dos seus homens foram erro de visão, ou desconhecimento do processo. O Banco de Portugal não tem responsabilidade alguma!

E rematando este capitulo:

—Se ha responsaveis, ha que procurá-los noutras partes.

O sr. dr. Alves Ferreira já havia sido extremamente gentil. Não quizemos finalisar sem o ouvir sôbre o papel que a imprensa tem desempenhado em tudo isto.

O ilustre juiz, com sinceridede visivel, diz que na imprensa tem notado uma grande correcção. Póde um ou outro jornal, por motivo politico, e até pela paixão que o caso provocou naturalmente, ter pontos de vista que não estejam em concordancia com o resultado das investigações. Mas a imprensa, mesmo assim, sem excepção, tem sido correctissima, e compenetrada da importancia nacional do acontecimento. Os «reporters» são todos habeis e liais a reproduzir o que lhes digo.

—«A verdade não tem pontos de vista»— e ela vai surgindo. Quando «fui preso para este lugar» contei sempre com dificuldades naturais. Elas se irão vencendo, e, no dia em que entregar o processo ao poder judicial, afirmo que a honra da Magistratura Portuguesa ficará de pé.

A terminar:

—Afinal isto era uma grande estatua com pés de barro... Mas, se passasse mais algum tempo, o barro, que parecia ouro, ir-se-hia solidificando.

DESPACHOS pelo ministerio dos Estrangeiros

O sr. ministro dos Estrangeiros levou hoje á assinatura os despachos de ministros plenipotenciarios para as seguintes legações:

Berlim: Batalha de Freitas.
Buenos Aires: Eugenio dos Santos Tavares.
Haya: Vasco de Quevedo.
Viena de Austria: Armando Navarro.
Bruxelas: Alberto de Oliveira.
Varsovia: Veiga Simões.

No consulado de Paris, fica o sr. Lima Santos e no de Londres o sr. Joaquim Pedroso.

CAFÉ RESTAURANT 'OCEANO'
Telef. C. 2812 — Cais do Sodré, 25 a 27
Magnifico serviço de cosinha francesa e italiana
Almoços — Hors d'oeuvres e 3 pratos, 9$00
Jantares — Sopa, 3 pratos e doce, 12$00